

EIXO TEMÁTICO 8 | CULTURA, SOCIEDADE E IDENTIDADES

"OS VET NA RUA É CRUEL, OS VET NO RAP É AVANÇO": a Cururu Skate e Rap como forma de resistência em meio a criminalização da juventude negra e periférica de Fortaleza – CE

"OS VET ON THE STREET IS CRUEL, THE VET IN RAP IS ADVANCE": Cururu Skate and Rap as forms of resistance amid the criminalization of black and peripheral youth in Fortaleza – CE

André Luis Monteiro Gomes¹
Drielly Nascimento Holanda²

RESUMO

Esta pesquisa é fruto do trabalho, de mesmo nome, apresentada como conclusão de curso na graduação em Serviço Social. Portanto, "Os vet na rua é cruel, os vet no rap é avanço": A Cururu Skate e Rap como forma de resistência em meio a criminalização da juventude negra e periférica de Fortaleza – CE é um trabalho que busca debater as batalhas de rimas com parte do movimento hip hop. Compreendendo estas como atuantes dentro das periferias, ligadas às juventudes de forma que criam em seus espaços ações culturais e resistem às expressões oriundas de um processo de colonização e exploração da população negra escravizada e partindo do entendimento de que o racismo é estrutural e estruturante, é aqui discutido como a batalha de rima da Cururu Skate e Rap, realizada em Fortaleza, atua como espaço de cultura e resistência formado e tendo como público a juventude negra e periférica, como denúncia e enfrentamento a questão racial.

Palavras-chave: Questão Racial; Batalha de rima; Hip Hop; Serviço Social.

ABSTRACT

The phrase 'Os vet na rua é cruel, os vet no rap é avanço' translates to 'The vets on the street are cruel, the vets in rap are progress.' Cururu Skate and Rap as a form of resistance amidst the criminalization of black and peripheral youth in Fortaleza, CE, is a study that seeks to

¹ Mestrando em Serviço Social, Trabalho e Questão Social na Universidade Estadual do Ceará, bacharelado em Serviço Social na Universidade Estadual do Ceará (2023), Pesquisador na área das Relações Étnico-Raciais no Laboratório de Pesquisa em Gênero, Família e Afrobrasilidades – NUAURO.

² Assistente Social, mestra em Serviço Social, Trabalho e Questão Social na Universidade Estadual do Ceará, bacharelado em Serviço Social na Universidade Estadual do Ceará (2023), Pesquisador na área das Relações Étnico-Raciais no Laboratório de Pesquisa em Gênero, Família e Afrobrasilidades – NUAURO.

discuss rap battles as part of the hip-hop movement. Understanding these battles as active within the peripheries connected to youth, they create cultural actions within their spaces and resist expressions stemming from a process of colonization and exploitation of enslaved black populations. Starting from the understanding that racism is structural and structuring, this work discusses how the Cururu Skate and Rap rap battle, held in Fortaleza, acts as a space of culture and resistance formed with black and peripheral youth as its audience, serving as both denunciation and confrontation of racial issues.

Keywords: Racial Issues; Rap Battle; Hip Hop; Social Work.

1 “É RAIZ DE SABOTAGE, RAP É UM BOM LUGAR”

Esta pesquisa produzida é fruto do trabalho de conclusão de curso³ de Serviço Social, de mesmo nome, na Universidade Estadual do Ceará, onde é debatido de forma mais ampla as atividades realizadas, o viés cultural e de resistência da batalha de rima Cururu Skate e Rap. Desse modo, as discussões que encontraremos serão apresentadas ao final na forma de divisão dessa pesquisa. Iniciamos então apontando que o rap vem ao longo do tempo atuando contra o genocídio da juventude negra seja em discursos diretos, posicionamento ou através do movimento artístico de suas letras como ocorre desde seu surgimento, passando pela sua chegada no Brasil e em trabalhos históricos de pilares do rap nacional como o Racionais MC's que usa de músicas como “Capítulo 4, Versículo 3” (1997) para denunciar que “60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais /Já sofreram violência policial /A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras”. O hip hop é composto a partir de cinco elementos que marcam sua raiz histórica e unindo grupos sobre um mesmo propósito durante seu surgimento na década de 1970, no Bronx, sendo esses elementos o Break, o Grafite, o Dj, o Rap e o Conhecimento. Este último defendido por Afrika Bambaataa como sendo um elo de ligação entre todos os outros através do posicionamento político e saberes compartilhados, compreendendo que, diferente de outros estilos, o hip hop não pode ser compreendido apenas como gênero musical, uma vez que sua posição é de enfrentamento as opressões (TEPERMAN, 2015), sobretudo, aquelas sofridas pelo povo negro.

Esta pesquisa se desenvolveu a partir do foco na batalha realizada no Ginásio Poliesportivo da Parangaba, intitulada Cururu Skate e Rap, localizada entre o cruzamento das avenidas Osório de Paiva e Gomes Brasil no bairro Parangaba. Ocorrendo semanalmente ao

³ Disponível em <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=112576>

longo de sete anos, esta tem sido presente em uma construção contra a violência urbana que atinge principalmente a juventude negra e periférica, uma vez que, segundo o Anuário de Segurança Pública (2023), negros são 76,5% das vítimas de morte violenta intencional no Brasil, números que chega a 50,3% entre jovens de 12 a 29 anos. No estado do Ceará, ainda segundo o Anuário de Segurança Pública, a taxa de mortes violentas intencional chegou a 35,5 por 100 mil pessoas. Durante o ano de 2019, o Ceará registrou 2.417 homicídios, destes 1.285 eram jovens entre 12 a 29 anos e 2.235 eram pessoas negras, um índice de 93%. É possível observar que o Estado do Ceará, não diferente de outros Estados do País, tem em si um alto índice de violência atingindo a juventude, principalmente negra. Fato pontuado também por Arruda (2021) ao abordar a relação dessa violência como uma ação de extermínio de jovens negros e que essa ação surge não só com a letalidade, mas com diversos outros fatores sem que exista uma direta relação violenta.

É a partir de uma trajetória de resistência do rap que surgem as batalhas de rima, através do improviso construindo um movimento cultural que vai contra a corrente e, a partir dos próprios jovens, desenvolvem uma relação de acolhimento, pertencimento, expressão uma vez que as batalhas se constituem como espaços de visibilidade para uma população invisibilizada por traços marcantes de sua negritude e suas características culturais que diferem daqueles que ocupam suas camadas de privilégios, sendo lidos socialmente como “marginais” (GOMES, 2019), em uma sociedade que marginaliza desde o pós-abolição as ações culturais por parte do povo negro.

Desse modo, este trabalho tem a natureza qualitativa que, segundo Minayo (2002), “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”, contribuindo e possibilitando uma melhor forma de compreender os elementos presentes e abordados ao longo do trabalho. Dessa forma é pontuado o objetivo central de entender como a juventude negra utiliza as narrativas do Rap como meio de denúncia e resistência, frisando principalmente a participação dos indivíduos como participantes e autores de suas próprias realidades, sendo esta uma relação de troca de saberes e construção coletiva, utilizando principalmente da pesquisa participante complementada das entrevistas semiestruturadas, considerando a aproximação com os indivíduos e a necessidade de relacionar outros métodos frente as dificuldades encontradas.

Os contatos com os interlocutores da pesquisa foram realizados através de diálogos

realizados durante o momento em que são realizadas a batalha de rima, apresentando a proposta da entrevista e realizando o convite para participação, tendo as entrevistas realizadas na Universidade Estadual do Ceará, visando a centralidade de acesso a todos. Durante a realização foi disponibilizado o termo de consentimento livre e esclarecido e utilizado um roteiro de entrevistas semiestruturadas. Visando resguardar o anonimato dos participantes e evitar quaisquer atos de constrangimento, optou-se por atribuir a estes nomes fictícios alusivos a personalidades plurais no meio do hip-hop tendo assim como participantes dessa pesquisa

Negra Li⁴, mulher-cis de 24 anos, se autodeclara preta, bissexual. Amiri⁵, homem cis de 29 anos, se autodeclara preto, pansexual. Budah⁶, Mulher-cis de 20 anos, se autodeclara parda, heterossexual. Sabotage⁷, homem-cis de 19 anos, se autodeclara preto, heterossexual e Eduardo Taddeo⁸, homem-cis de 27 anos, se autodeclara branco, heterossexual.

De forma a contemplar o debate entre o protagonismo do rap e a perspectiva teórica, trazemos aqui uma reflexão que dialoga com os artistas que abordam em suas letras uma análise crítica do processo sócio-histórico do país, bem como uma análise da conjuntura que perpassa a realidade da juventude negra e periférica, de forma que estes dialogam com os autores que fundamentam os pensamentos e reflexões aqui abordadas. Dessa forma, este trabalho está dividido no primeiro tópico de introdução, onde é aproximada o debate geral ao leitor, bem como, situar brevemente o universo em que a pesquisa é realizada. O Segundo tópico debate apresentando o desenvolvimento do debate relacionando a referida batalha de rima, o espaço público e a precariedade, não só de acesso, mas de gerenciamento, estrutura, desenvolvimento de atividades voltadas ao público jovem e a ocupação destes nos equipamentos de públicos. Por fim, trazemos na conclusão, as considerações finais e pontuações que refletem acerca do objetivo traçado neste trabalho.

⁴ Liliane de Carvalho, mulher negra, atriz e cantora. Integrou o grupo Rapaziada da Zona Oeste (RZO) entre 1996 a 2004, voltando às atividades com o grupo em 2017, tendo atuado também como atriz em novelas da rede globo.

⁵ David Nascimento dos Santos, homem negro da periferia de São Paulo, compositor e rapper.

⁶ Brandha Rangel, mulher negra, compositora e rapper, da cidade de Vitória, Espírito Santo.

⁷ Mauro Mateus dos Santos, homem negro, foi um ator e rapper integrante do grupo Rapaziada da Zona Oeste (RZO), conhecido nacionalmente pela participação nos filmes “Carandiru” e “O Invasor”. Tem sua história marcada pela influência no rap nacional pelo álbum “Rap é Compromisso” (2000), história e posicionamento social, tendo através do rap encontrado meios de se desvencilhar da criminalidade. Sabotage foi assassinado em São Paulo no dia 24 de abril de 2003.

⁸ Carlos Eduardo Taddeo, homem branco, ativista, advogado, compositor e rapper, foi integrante do grupo Fação Central entre 1989 a 2013, passando a trabalhar em carreira solo.

2 “CURURU SKATE E RAP É O VERDADEIRO BANG-BANG”: SEIS ANOS DE CULTURA E RESISTÊNCIA FRENTE A LETALIDADE E VIOLÊNCIA URBANA

A história negra não se constrói apenas de sofrimento, pois se houve opressão também houve resistência, houve luta desde as terras em que estes eram soberanos e não foi de forma pacífica ou sem defesa que suas humanidades foram tiradas, sejam durante o período colonial no século XVI, segregações no século XIX e XX ou as discriminações que perduram até hoje. Entre esses métodos de resistência surge na década de 1970, no Sul do Bronx em Nova York (EUA), um movimento cultural e de resistência organizado pela juventude negra, motivado pelas ausências de políticas públicas e truculências policiais, o hip hop surge como instrumento de denúncia contra as opressões vivenciadas (FERNANDES, Et. al. 2016).

O movimento de batalha tomou forma em todo país e em Fortaleza/CE surgem as primeiras batalhas, influenciadas principalmente pelo avanço da visibilidade de outras batalhas no país através das redes sociais e das plataformas de vídeos como o YouTube, batalhas como a do Real no Rio de Janeiro, da Santa Cruz em São Paulo, do Museu em Brasília e tantas outras, ajudaram a popularizar nomes como MC Marechal, Emicida e Criolo. A identificação entre os participantes das batalhas são um dos principais pontos que levaram a difusão destas e o surgimento de outras batalhas em seus respectivos bairros, como cita o Amiri

Porque assim a Cururu, ela já é... ela já tinha esse nome... ela é uma pista de skate, aqui na... na... no bairro da Parangaba que ela já tinha esse nome, que o nome da pista de skate era a pista da Cururu né?! E eu conheci a Cururu, ali a pista de através do próprio skate quando eu era mais novo, quando eu era pivetin. Eu andava de skate e era pista de skate que tinha perto da minha casa e eu andava lá e quando eu conheci ali as batalhas de rap né?! E fui vendo o que a galera discutia, o que a galera conversava, como acontecia, o que a galera debatia nas batalhas, eu conheci a necessidade de fazer aquilo. Se liga?! Então eu acho que eu não conheci a Cururu, eu conheci... eu reconheci a necessidade do meu bairro em ter um... um... um movimento cultural, um projeto cultural. (Entrevistado Amiri)

A Cururu Skate e Rap tem a sua primeira edição oficialmente realizada no dia 29 de março de 2017, tendo como organizador e fundador um jovem negro morador da Parangaba, que visualizando as particularidades do seu bairro, decide começar um movimento cultural na Pista de Skate do Ginásio Poliesportivo da Parangaba, motivado pelo crescente movimento de batalhas e atraindo o público jovem que frequentava a localidade, tornando-se assim uma liderança negra nesse ambiente cultural de forma a semear a construção de um movimento que hoje resiste sete anos.



Fotos: Ananda Soares/@anandasoars



Fotos: Ananda Soares/@anandasoars

Desse modo, ao longo do tempo houveram grandes desafios a fim de manter o funcionamento das batalhas, entre estruturas organizacionais. Negra Li conta sobre sua experiência de conhecer a Cururu a partir da batalha do posto, começando a frequentar e posteriormente frequentando a nova batalha da cidade e a visão de visitar novamente após um tempo de ausência de forma que “do mesmo jeito quando eu fui pra batalha do posto me surpreendeu muito quando eu fui na Cururu porque era uma batalha que estava começando e era lotada. Era uma craniada de gente. E eu fiquei tipo... Meu Deus do céu! Como assim?! Bagulho acabou de começar e já tá desse jeito?!” (Entrevistada Negra Li).

Segundo Arruda (2022) “As condições dessas territorialidades periféricas tomadas como um pesadelo, algo que incomoda e que produz medo, insegurança. A periferia é alvo de várias ações, inclusive pela violência dos representantes do Estado”. A fim de que possamos entender é necessário primeiro descrever o espaço em que esse movimento se constrói, pois apesar de estar no entorno de um equipamento público de responsabilidade da Prefeitura de Fortaleza, é preciso também pontuar que aqueles que lá frequentam são os responsáveis por cada parte da estrutura que utilizam para a realização de suas atividades, desde a limpeza do local a iluminação que, segundo a entrevistada, “a gente está tentando muito ir atrás, é da iluminação. Que o... o cara que tava lá pegou os fios e ficou lá só os dois postes sem a luz” (Entrevistada Budah).

As ações relatadas, representam a rotina de uma cultura precarizada e que sofre com o abandono do espaço público que deveria ser ponto de lazer a população local, principalmente a juventude periférica, que sofre diariamente com as ações de violência urbana que se contrastam com a falta de manutenção do espaço público. A ausência da iluminação pública e demais elementos de infraestrutura é um dos principais elementos apontados pelos entrevistados como é ressaltado por Amiri ao afirmar que “Lá na Cururu, por exemplo, a gente não tem

iluminação pública, a gente que faz a iluminação. E... a gente não tem o mínimo de limpeza no espaço público, que a gente está ocupando um espaço público pra fazer a batalha” (Entrevistado Amiri). Entretanto é necessário nos debruçarmos sobre a Lei de Orçamento do Município a fim de compreender a destinação de recursos aos equipamentos públicos, compreendendo que os projetos de um governo são planejados e realizados a partir de três elementos sendo eles o Plano Plurianual, a Lei de Diretrizes Orçamentária e a Lei de Orçamento Anual

O modelo orçamentário brasileiro é definido na Constituição Federal de 1988 do Brasil. Compõe-se de três instrumentos: o Plano Plurianual – PPA, a Lei de Diretrizes Orçamentárias – LDO e a Lei Orçamentária Anual - LOA.

Art. 165. Leis de iniciativa do Poder Executivo estabelecerão:

- o plano plurianual;
- as diretrizes orçamentárias;
- os orçamentos anuais.

O PPA, com vigência de quatro anos, tem como função estabelecer as diretrizes, objetivos e metas de médio prazo da administração pública. Cabe à LDO, anualmente, enunciar as políticas públicas e respectivas prioridades para o exercício seguinte. Já a LOA tem como principais objetivos estimar a receita e fixar a programação das despesas para o exercício financeiro. Assim, a LDO ao identificar no PPA as ações que receberão prioridade no exercício seguinte torna-se o elo entre o PPA, que funciona como um plano de médio-prazo do governo, e a LOA, que é o instrumento que viabiliza a execução do plano de trabalho do exercício a que se refere. (Orçamento da União - Instrumentos de Planejamento e Orçamento, Câmara dos Deputados⁹)

Compreendido os pontos necessários para que possamos discutir os orçamentos necessários, no dia 18 de agosto de 2022 o jornal O Povo realizou uma reportagem¹⁰ apontando os problemas e abandono do Ginásio Poliesportivo da Parangaba, com fala de moradores e relato sobre o local. Em resposta às reclamações o jornal nota da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SECEL) e Secretaria Municipal da Infraestrutura (SEINF) onde afirmam que o espaço estaria fechado para melhorias estruturais e “Além disso, a gestão informou que o projeto de reforma, orçado em R\$ 847 mil, prevê os serviços de lixamento, pintura, restauração de toda a coberta e estruturas metálicas da praça esportiva”, a notícia aponta ainda que as obras teriam duração de quatro meses, possibilitado o retorno das atividades ao fim desse prazo. No local e na fala dos entrevistados, o que se percebe é o oposto do que é prometido na nota realizada pela prefeitura.

⁹ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/orcamento-da-uniao/cidadao/entenda/cursopo/planejamento>.

¹⁰ Leia mais em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2022/08/18/ginasio-poliesportivo-da-parangaba-esta-com-paredes-pichadas-e-estruturas-enferrujadas.html>

Além do ponto acima mencionado e das entrevistas realizadas pelo jornal, o Ginásio Poliesportivo aparece na LOA municipal nos anos de 2017¹¹, 2020¹² e 2023¹³, tendo ainda projeção para o ano de 2024¹⁴, relacionadas entre verbas de reforma, manutenção e modernização, conforme presente nos documentos disponíveis nos sites da prefeitura a cada ano.

TABELA 1 – Apresentação de Leis Orçamentária Anual (LOA) de Fortaleza em 2017, 2020, 2023 e 2024.

ANO	AÇÃO	VALOR
2017	Recuperação da Pista de Skate ao Lado do Ginásio Poliesportivo da Parangaba	R\$ 30.000,00
2020	Construção, Ampliação e Reforma de Equipamentos de Esporte e Lazer	R\$ 120.000,00
2023	Modernização dos Equipamentos Esportivos de Grande Porte	R\$ 184.639,00
2023	Manutenção dos Equipamentos Esportivos	R\$ 45.000,00
2024	Modernização dos Equipamentos Esportivos de Grande Porte	R\$ 100.000,00
2024	Manutenção dos Equipamentos Esportivos	R\$ 34.000,00

Quadro elaborado pelo autor com base na Lei Orçamentária Anual de Fortaleza.

Fatores como esse reforçam o efeito de descaso e abandono por um equipamento que deveria servir de ambiente de cultura e lazer a juventude periférica e evidenciado pelas falas dos entrevistados “Porque a gente faz a batalha no espaço do Ginásio Poliesportivo da Parangaba né?! Que é um espaço e... o espaço da prefeitura e o espaço ele tá abandonado já tem quase quatro anos né?! Que foi fechado pra uma reforma, essa reforma nunca aconteceu e...tá jogando as traças” (entrevistado Amiri), fato desconforme com a realidade vivenciada nas periferias em que se os equipamentos são precários, a polícia por sua vez é bem presente

Hoje em dia nem tanto, mas já foi bem mais. Assim de três, quatro semanas seguidas, a viatura sempre chegava lá no mesmo horário, os mesmos policiais, mandava acabar porque se não eles iam recorrer o som. E... já chegou assim coisa de oito viaturas... oito viaturas, seis motos assim ao mesmo tempo. Com eles descendo da viatura, atirando bala de borracha, botando a gente pra correr, não queria ver ninguém ali em cima e não sei não sei o que. Então tipo assim, já foi bem mais. Já foi bem mais incisivo.

¹¹ Disponível em: https://transparencia.fortaleza.ce.gov.br/arquivos_pdfs/sepog/LOA/LOA_2017.pdf

¹² Disponível em:

https://transparencia.fortaleza.ce.gov.br/arquivos_pdfs/sepog/LOA/LIVRO_LOA_2020.pdf

¹³ Disponível em: https://transparencia-cdn.sefin.fortaleza.ce.gov.br/LOA/LIVRO_LOA_2023_Vol1.pdf

¹⁴ https://transparencia-cdn.sefin.fortaleza.ce.gov.br/LOA/LIVRO_PLOA_2024_Vol1-1.pdf

Já foi bem mais recorrente e hoje em dia nem tanto, pelas últimas vezes que eles foram né?! (entrevistado Amiri)

Apesar dos relatos de que hoje as ações da polícia são menos frequentes, durante o período em que a pesquisa foi realizada o movimento de viaturas eram frequentes sejam passando ou estacionando em na frente do local onde são realizadas as batalhas, ressaltando ainda que no dia 07 de junho, momento em que o pesquisador não estava em campo por motivos pessoais, foi relatado por participantes a presença de duas viaturas da polícia militar que chegaram ao local ordenando o encerramento das atividades e após momento de conversas e a gravação das ações por parte dos presentes, os policiais se retiraram do local. No dia 11 de agosto durante um momento antes das batalhas, fomos surpreendidos com a presença de duas viaturas completamente apagadas que chegaram ao local pela calçada da parte de trás do ginásio, felizmente na ocasião não houve qualquer ação de truculência. Cabe ressaltar ainda que, segundo CCPHA¹⁵, no ano de 2022 houveram 152 mortes por intervenção policial e em 2023, até a data deste escrito, foram relatadas 110 mortes.

Cabe então pontuar que ser resistência, também se parte da ação de resistir a algo que tende a estar no movimento oposto. Desta forma a Cururu Skate e Rap se faz resistência ao ocupar o mesmo espaço em ato de reivindicações semanais de seus direitos e acessos, mesmo frente às ações truculentas do estado, violência urbana cotidiana e do abandono dos equipamentos culturais que deveriam zelar e agir na prevenção da letalidade contra a juventude negra e periférica. Entretanto, esse movimento não é isolado, mas parte de uma rede estrutural que produz o abandono social como “uma das formas de exterminar desejos e modos de subjetivação das sujeitas e sujeitos periféricos. E não os ouvir acaba por ser um modo de confiná-los à sua própria condição desigual, certamente provocando tensões psíquicas.” (ARRUDA, 2021).

Fazendo parte assim de um “modus operandi” que relaciona as periferias, sobre tudo os sujeitos jovens e negros a uma condição de

demandas não atendidas por acesso às políticas públicas de proteção social, de preconceito que se transforma em ação de exclusão, de negação de identidade, de sua cultura, esta criou e vem reinventando mecanismos de resistência para garantir sua sobrevivência, ao mesmo tempo em que oferece ao Estado e à sociedade brasileira

¹⁵ Disponível em: <https://cadavidaimporta.com.br/monitoramento-dos-homicidios/>

suas experiências como forma de construir coletivamente outra dinâmica de vida e ação política. (MADEIRA; GOMES, 2018, p. 474)

Forma pela qual se apresentam as batalhas de rima, como movimento cultural de resistência frente às práticas estruturais do racismo cotidiano em suas múltiplas facetas e formas, permanecendo como elo contra a letalidade e encarceramento, combatendo debatendo e em suas ações as expressões do racismo em nossa sociedade. Dessa forma é possível observar que a realidade entre a divergência dos orçamentos públicos destinados ao espaço público periférico e a realidade local uma vez que este segue a anos com o status de fechado para reforma ao mesmo tempo que segue ocupado pela juventude que resiste mesmo diante do equipamento público precarizado e sucateado.

3 “SÓ QUEM PRECISA DISSO PRA SOBREVIVER GRITA R.A.P”: CONCLUSÃO.

É necessário, portanto, entender que para essa pesquisa temos como objetivo entender como a juventude negra utiliza as narrativas do Rap como meio de denúncia e resistência. Desse modo ressalta-se que ao longo deste trabalho é pontuada a importância do movimento hip hop a partir da construção e atuação da batalha de rima da Cururu Skate e Rap, está atuando como movimento cultural mesmo frente a diversas precarizações como no caso da ocupação do espaço público do Ginásio Poliesportivo da Parangaba, uma vez que este se trata de um espaço público vinculado a Prefeitura de Fortaleza e que sofre com o abandono de sua estrutura e entorno.

Cabe pontuar que a juventude Fortaleza vive frente a uma realidade de alto índice de letalidade em um contexto que as mortes por intervenção mais que dobraram em um período de 10 anos, tendo havido 41 mortes em 2013 e até a data deste escrito o Comitê de Prevenção ligado a Assembleia Legislativa do Estado marca 110 pessoas mortas em ação policial. Diante disso ressalta-se que o rap tem atuado de forma crítica e direta não só as ações de letalidade e encarceramento, mas no que tange a pressionar por políticas públicas compreendendo que estes dados atingem principalmente a população entre 15 a 29 anos. A Cururu Skate e Rap ao longo de sete anos mantem-se frente a eventos marcados pela violência urbana e por parte do estado, marginalização e ações explícitas das expressões do racismo na sociedade uma vez que ainda que seu trabalho cultural seja evidente como parte da cultura hip hop, sofre ainda com

ações recentes de ações policiais em atos de discriminação.

Cabe pontuar que a juventude Fortaleza vive frente a uma realidade de alto índice de letalidade em um contexto que as mortes por intervenção mais que dobraram em um período de 10 anos, tendo havido 41 mortes em 2013 e até a data deste escrito o Comitê de Prevenção ligado a Assembleia Legislativa do Estado marca 110 pessoas mortas em ação policial. Diante disso ressalta-se que o rap tem atuado de forma crítica e direta não só as ações de letalidade e encarceramento, mas no que tange a pressionar por políticas públicas compreendendo que estes dados atingem principalmente a população entre 15 a 29 anos.

A Cururu Skate e Rap ao longo de seus sete anos mantem-se frente a eventos marcados pela violência urbana e por parte do estado, marginalização e ações explícitas das expressões do racismo na sociedade uma vez que ainda que seu trabalho cultural seja evidente como parte da cultura hip hop, sofre ainda com ações recentes de ações policiais em atos de discriminação. Apesar dos desenvolvimentos e a realização contínua de atividades em seus sete anos,

o que foi possível verificar também durante a realização desse trabalho é a violação do direito a espaços públicos que, por conta da precarização e abandono, acabam por aumentar as possibilidades de vulnerabilidade de uma juventude já marginalizada em seus locais de vivências diárias. A ampliação de ações como a Rede Cuca e Pracinha da Cultura trazem perspectiva de aproximação da atuação entre o Serviço Social e a juventude periférica, esta que tende a liderar os índices de homicídio e cárcere. Ações de apoio às iniciativas culturais ao desenvolvimento de projetos que surgem de lideranças negras e periféricas e tem como público alvo os seus iguais, mostram novos caminhos de alcançar e prevenir os índices de letalidade, bem como garantir direitos básicos à juventude que são pautados desde o ECA e a Constituição Federal, uma vez que, como apresentado ao longo deste trabalho, a batalha de rima alcança desde crianças e adolescentes a jovens adultos.

Como atuantes dentro de equipamentos públicos, nas ações de planejamento e efetivação das políticas públicas, é necessário encontrar meios de desburocratizar, facilitar e tornar acessível os projetos sociais as novas iniciativas. Encontrar meios que possibilitem a essas iniciativas periféricas que acessem os editais públicos e possam desenvolver os projetos, visto que nem todos contam com a grande quantidade de documentos solicitados em muitos casos, contando com sua historicidade e acervo histórico de fotos e vídeos em redes sociais. A exemplo de tornar possível tal ação pode-se citar o recente edital “Prêmio Cultura Viva Construção

Nacional do Hip-Hop 2023”¹⁶, publicado pelo Ministério da Cultura e que se constrói em bloco de perguntas a fim de contribuir aquele que responde contar a história de seu projeto, bem como, considerando os registros históricos do grupo ou coletivo.

Através das atividades registradas em diário de campo e entrevista com participantes, foi possível perceber e discutir o surgimento deste espaço com o intuito de agregar a cultura periférica de Fortaleza, bem como ser um espaço de acolhimento e lazer à juventude negra na cidade. Dentro desse contexto, pode-se também discutir sobre a posição da batalha frente às questões raciais, uma vez que em um contexto estrutural atravessado pelo racismo, a Cururu mantém em seu posicionamento e suas ações debates e rimas dentro do contexto de combate ao racismo.

REFERÊNCIAS

Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ano 17, 2023. ISSN 1983-7364.

ARRUDA, Daniel Péricles. **Arte e Serviço Social: aspectos necessários sobre o ser-artístico.** Revista Katalysis, v. 25, p. 404-414, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/84652/48744>. Acesso em: 14.05.2024

ARRUDA, D. P. **O que o rap tem a dizer sobre o extermínio da juventude negra, pobre e periférica?** Revista Mosaico (FGV). Vol. 13, nº 20, 2021. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/82953>. Acesso em: 14.05.2024.

FERNANDES, A. C. F., MARTINS, R., & OLIVEIRA, R. P. de. (2016). **Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético musical em sala de aula.** Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros, (64), 183-200. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i64p183-200>

GOMES, A. F. (2019). **Batalhas de MC's de Hip Hop na cidade de São Paulo: uma compreensão antropológica.** Revista Extraprensa, 12, 838-860. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.153950>. Acesso em 10.04.2024

GOMES, NILMA LINO. **O movimento negro educador.** 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017. v. 1. 154p.

¹⁶ Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/editais/inscricoes-em-andamento/edital-premio-cultura-viva-construcao-nacional-do-hip-hop-2023>

GONÇALVES, R. **Quando a questão racial é o nó da questão social**. Revista Katálisis, Florianópolis, 2018, v. 21, n. 03, p. 514-522. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02592018v21n3p514>. Acesso em: 12.05.2024.

GUTIERREZ, Gabriel; NEIVA, G. C. **O rap na cidade: O “Quinto Elemento” e as Rodas de Rima do Rio de Janeiro**. TRIÁDE: COMUNICAÇÃO, CULTURA E MÍDIA, v. 7, p. 199-2019, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/3427>. Acesso em: 12.05.2024

IAMAMOTO, M. V. **A questão social no capitalismo**. Revista Temporalis – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Ano 2. Nº 3 (jan/jul.2001). Brasília: ABEPSS, Grafile, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. Texto Para Discussão No 996. **O Sistema Classificatório De “Cor Ou Raça” Do IBGE**. Brasília, 2003. Disponível em https://www.ibge.gov.br/confest_e_confege/pesquisa_trabalhos/arquivosPDF/M255_02.pdf. Acesso em: 27.10.2022.

LINDOLFO FILHO, J.. **Hip hopper: tribos urbanas, metrópoles e controle social**. In: José Machado Pais e Leila Maria Blass. (Org.). Tribos Urbanas- Produção artística e identidades. Lisboa: ICS, 2004, v. , p. 145-167.

MADEIRA, M. Z. A.. **Desigualdades raciais como expressão da questão social no Ceará**. In: Aurineida Maria Cunha; Irma Martins Moroni Silveira. (Org.). Expressões da questão social no Ceará. 1ed.Fortaleza: EdUECE, 2014, v. , p. 343-378.

MADEIRA, Maria Zelma de Araújo e GOMES, Daiane Daine de Oliveira. **Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil**. Revista Serviço Social e Sociedade. São Paulo,nº.133 Set.-Dez. 2018

MADEIRA, M. Z. de A.; GOMES, D. D. de O. **Racismo Estrutural e as Insistentes desigualdades raciais**. N’umbuntu em Revista, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 223-248, jul. 2020. Semanal.

MCS, R. ; OLIVEIRA, A. S. . **O evangelho marginal dos Racionais MC's**. In: Racionais MC's. (Org.). Sobrevivendo no Inferno. 1ed.São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som. As transformações do rap no Brasil**. São Paulo, Claro Enigma, 2015.

SANTOS, T. M. dos, & Sathler, C. N. (2023). **Narrativas urbanas de MC’s trans e travestis nas seletivas estaduais para o duelo de MC’s nacional**. COR LGBTQIA+, 1(4), 38–57. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/CORLGBTI/article/view/569>. Acesso em: 07.11.2023

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos da reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP- HOP. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.